NAPOLITANO, M. N. . O médico e a mulher na sociedade carioca oitocentista. In: XIV Encontro de Estudos Populacionais (ABEP), 2004, Caxambú - MG. ST16-(GEN) Sexualidades, 2004.

“Desde então, ao que parece, as relações sexuais femininas deixaram de ser discutidas no Brasil, e pouca atenção foi despendida a elas até o século XIX, quando, com a ascensão da classe médica, voltaram a ser tema amplamente discutido pela sociedade, sobretudo em razão das teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, também, da literatura desse período.” (NAPOLITANO, 2004. p. 8)

“A denominação “sexualidade lésbica” não existia, nem mesmo “lésbicas”. Essa palavra, a propósito, não foi usada habitualmente até o século XIX e era mais aplicada a uma série de atos do que a uma categoria de pessoas. Essas mulheres eram chamadas fricatrices ou tríbades.” (NAPOLITANO, 2004. p.22)

“Aliás, era com essa finalidade que, aos olhos médicos, um homem e uma mulher se uniam matrimonialmente, para gerar e criar filhos para a nação. Logicamente, todo o comportamento social que fugisse a essas regras era veementemente combatido, como, por exemplo, o comportamento dos homossexuais, das prostitutas, dos celibatários, nas ninfomaníacas, dos alcoólatras, dos libertinos, dentre muitos outros.” (NAPOLITANO, 2004. p. 31)

“[...]além do espaço familiar, era preciso atuar em outras áreas, fora das casas, como, por exemplo, nas ruas, onde proliferavam as excitações (bailes, saraus, teatros, romances, cafés e tudo aquilo que estimulava e aguçava a imaginação) que poderiam conduzir o indivíduo a pensamentos confusos, à fantasia e daí à loucura.” (NAPOLITANO, 2004. p. 32)

“os sodomitas masculinos e femininos, agora denominados de pederastas, tríbades, safistas ou lésbicas, se para a Igreja eram pecadores que atentavam contra as leis de Deus – pecadores horrendos e merecedores de punições e até mesmo do fogo do inferno, para os médicos, tais indivíduos eram desviantes, eram portadores de uma doença moral que mereciam diagnóstico, profilaxia e tratamento.” (NAPOLITANO, 2004. p. 33)

“Toda essa discussão em torno do papel da mulher na sociedade, seu comportamento social e sexual, seus hábitos, sua vida em geral foram amplamente discutidos pelos doutores do século XIX e os "vícios" femininos intensamente combatidos.” (NAPOLITANO, 2004.

p.50)

“Contudo, com a generalização das modas européias e com a crescente urbanização ao longo do século XIX, a dona de casa ortodoxamente patriarcal foi sendo substituída por um tipo de mulher menos servil e mais mundana, mulheres que acordavam tarde por terem ido ao teatro ou a um baile na noite anterior, que liam romances, que olhavam a rua da janela ou da varanda de casa, que aprendiam piano, música e dança, etc. A mulher mórbida e gorda, esteticamente mal vista pela sociedade, foi tendo suas imperfeições corrigidas por meio de espartilhos e cosméticos, lançando mão de dentes e cabelos postiços, tintas para cabelos, entre outros recursos vindos da Europa.” (NAPOLITANO, 2004. p. 52)

“O discurso médico estabelecido a respeito do lesbianismo no século XIX, procurou enquadrar as praticantes desse vício em duas categorias, a das safistas e a das tribadistas. O tribadismo era característico das moças virgens – até porque não representava risco nenhum à sua virgindade – e o safismo das mulheres mundanas, prostitutas, que buscavam novos meios para satisfazer seus desejos.” (NAPOLITANO, 2004. p.78)

“[...]houve casos de mulheres que chegaram a se apaixonar por outras mulheres e, quando foram correspondidas, houve até a formação de lares e a coabitação. Porém, nesse caso, a categoria que predominava era a das safistas, quando uma mulher exercia o papel de ativa e a outra o papel de passiva.” (NAPOLITANO, 2004. p.78)

“A falta de conhecimento a respeito das relações entre pessoas do mesmo sexo era tal que as práticas "anormais e desviantes das leis da natureza" eram tratadas, sob a ótica médica, com a adoção do mesmo modelo ativo e passivo das relações heterossexuais, dando a entender que, ao assumirem essas posições, estariam também assumindo as formas de comportamento masculino e feminino.” (NAPOLITANO, 2004. p.79)

“Além das prisões, como locais propícios às manifestações desses atos, de acordo com Gilberto Freyre, as mucamas e suas senhoras aproveitavam-se do cerimonial do cafuné – 80

quando dos banhos de rios em que as mucamas despiam suas senhoras, esfregavam-lhes o corpo, ensaboavam-lhes, enxugavam-lhes com toalhas finas, penteando-lhes e pondo-lhes as vestes – para aproximações ou simulações de atos lésbicos. Tais senhoras se entregariam ao que pudesse haver de pecaminoso ou de libidinoso nos prazeres do cafuné sem o saberem, visto que era público que se deixavam catar ou coçar por dedos de mucamas.” (NAPOLITANO, 2004. p.79.)

“o tribadismo era atribuído à falta de exercício, à vida sedentária, ao aborrecimento, à negligência das mães, como também poderia ser resultado do desequilíbrio mental e da inversão sexual, um dos sintomas da loucura.” (NAPOLITANO, 2004. p. 80)

“[...]causas para o tribadismo, como: o desprezo pelo homem (sofrido pelas prostitutas devido às humilhações a que são submetidas); o receio da gravidez; as agitações do mundo e a literatura moderna; a influência de uma menina contaminada com esse mal em internatos para moças; o clima quente; os temperamentos; as bebidas alcoólicas; a menstruação desregulada ou a menopausa; o onanismo (que é uma das causas mais influentes das perversões genitais); as impressões 81

morais que a criança recebe na sua infância; a miséria que obriga a acumulação forçada dos membros da família no mesmo quarto, onde a falta de espaço propicia a promiscuidade dos sexos; a falta de uma religião que se imponha como freio moral.” (NAPOLITANO, 2004. p.80)

“A respeito do tratamento destinado a essas mulheres, tais estudiosos são unânimes em afirmar que antes é preciso separar o criminoso do degenerado, pois o primeiro deve ser punido e o segundo é irresponsável pelos seus atos. Para Viveiros de Castro, o papel da justiça, nesses casos, deveria ser a investigação mais completa e minuciosa do estado mental desses indivíduos, pois se o degenerado for condenado como criminoso, sem tratamentos e sem cuidados higiênicos, a pena não o regenera, ao contrário, seu mal se agrava e ele sai da prisão mais degenerado e mais perigoso. Porém, se for recolhido em um hospício e submetido ao tratamento adequado – aplicações de hidroterapia, de eletricidade e de sugestão hipnótica – pode vir a ser curado e restabelecido à sociedade.” (NAPOLITANO, 2004. p. 82)

“Assim, o século XIX caracterizou a homossexualidade como um exercício anormal da sexualidade, oscilando em enquadrá-la ou como crime ou como doença. Ora tratadas como doentes, ora associadas a criminosas, as mulheres desviantes estiveram à margem da sociedade, exatamente por não se enquadrarem naquilo que esse século entendia ser o caminho de todo indivíduo sadio.” (NAPOLITANO, 2004. p.83)

“Paralelamente à medicina oitocentista, a literatura desse período muito se assemelhou

às concepções médicas a respeito dos temas tratados nesse capítulo. Difícil definir se a

medicina influenciou a literatura ou vice-versa, mas o fato é que ambas caminharam de mãos dadas com relação às concepções sobre o comportamento e o papel da mulher no dezenove, talvez seja mais adequado pensarmos que tanto as concepções médicas quanto as literárias eram produtos homogêneos de uma mesma sociedade.” (NAPOLITANO, 2004. p. 84)

“No que se refere às relações lesbianistas, algumas obras literárias, as poucas que abordaram o tema, foram da mesma opinião dos médicos quando associaram esse tipo de relação a aspectos brutais, animalescos, depravados, a aberrações morais, [...]” (NAPOLITANO, 2004. p.84)

“165 Id.,

Médicos e literatos buscaram também analisar detalhadamente os vícios femininos, sempre com o intuito de buscar enquadrar as mulheres desviantes nos mais variados tipos de anomalias sexuais. Na tentativa de separar as doentes das normais, os médicos, com a ajuda dos literatos, prescreveram um conjunto de normas comportamentais, sociais e sexuais para que fossem evitados esses vícios e curados os comportamentos desviantes.” (NAPOLITANO, 2004. p. 87.)